

Índice

I	Nascer	9
II	O Beijo da Terra	13
III	A Casa do Parque	17
IV	O Beijo do Vento	25
V	A Alma das Pedras	31
VI	O Porto	35
VII	O Beijo do Tempo	39
VIII	O Beijo do Sal	45
IX	O Beijo do Pai	59
X	O Beijo das Ruas	63
XI	O Beijo do Santo	69
XII	O Beijo da Palavra	75

I

Nascer



Casa onde nasceu Maria Agustina em Vila Meã

A criança nasceu na grande casa de pedra escura que podia parecer um paço da primeira dinastia e, como eu disse, a mãe não teve dores de parto. O que não entrou no número dos presságios nem serviu de pretexto à ciência para as suas honrosas divagações.

Tanto o médico como a parteira eram gente simples, habituada a confiar na natureza, e todo o fenómeno era uma questão de purificação ou, pelo contrário, de impureza.

(Agustina Bessa-Luís, *Memórias Laurentinas*,
Guimarães Editores, 1996)

Não há nada mais preenchido de mistérios e de segredos do que a solidão.

Já muitas vezes contado, mas, outra vez...

No dia 15 de Outubro de 1922, às seis da tarde, nascia a menina Maria Agustina, na casa de seus Pais, em Vila Meã.

O santo padre Cosme dormitava na cadeira de baloiço, na saleta contígua ao quarto, abandonado no colo o breviário, rodeado de sombras que deslizavam como nuvens. Chovia torrencialmente, e três fadas que por ali passavam, entraram, a abrigar-se. Viram a menina, débil e silenciosa, à luz azulada do querosene, envolvida em brancos, atenta a um palhacinho verde que rodava em pirueta numa caixa de música. As fadas entreolharam-se e acharam que não poderiam ir embora sem fadar a menina, como era o seu ofício. Foi assim que aconteceu: cada uma delas entregou um dom à menina Maria Agustina — o dom da solidão na infância; o dom da solidão na idade adulta; o dom da solidão na velhice.

E toda a vida de Maria Agustina foi vivida dentro de uma cápsula transparente, de solidão. De lá de dentro, tudo via, e ouvia, mas estava livre do contágio dos vírus que adoecem a solidão. A solidão é uma liberdade. Tudo se vê, tudo se sente, de tudo se participa, mas livre, porque se está só.

Criança, Maria Agustina passou entre a solidão os seus dias, preenchidos de pessoas que iam e vinham, tropeçavam nela, porque não a viam, e falavam baixo, das suas vidas tristes ou pouco alegres. Maria Agustina metia num saco as memórias de todos esses encontros, sacudia-as, e tirava à sorte uma delas, e começava a desmontá-la aos bocadinhos, até ficar em cima da mesa um pozinho leve, e sobre ele desenhava um coração, uma letra... depois soprava, e o pozinho ia cair no tanque das rãs, formando círculos em arco-íris, ou no lume do lar, espirrando pequenas luzes que se apagavam ao cair no chão.

Em adulta, Maria Agustina tinha a seu lado um grande espelho, como o das bailarinas, e nele via passar as pessoas, umas vestidas com peles de lobo, outras, com fatos de cerimónia, outras andrajosas; umas sem cabeça, outras sem alma. Não caminhavam, davam cambalhotas como no circo, espreitavam pelas fechaduras, e tremiam de medo e de frio.

Agustina descolava-as do espelho, uma e outra, e em cima da mesa despia-as, desmontava-as, e reduzia-as a um pozinho leve, e sobre ele escrevia as suas histórias. Depois soprava-o, e elas voavam para uma tipografia, para serem copiadas e distribuídas, como folhas de cancionero.

Já velha, Maria Agustina, na sua solidão, via-se a si própria, menina e adulta, na companhia dos escolhidos, daqueles que estiveram com ela na sua solidão. Raros, secretos, aqueles de quem não reza a história, nem o tempo. Quem são? Quem são?

(Texto publicado em *O Escritor*, revista da APE, Novembro de 2023)

II

O Beijo da Terra



Maria Agustina com três anos

Com três anos Maria Agustina caminhou sozinha, calçada com os sapatinhos de verniz, até à Casa do Paço, por entre pinhais e carreiros de saibro branco, bordejados de urze rasteira de cor violeta.

A porta estava entreaberta, chiava nos gonzos. Maria Agustina entrou e as Tias Maria e Amélia receberam-na com um sorriso que nunca se apagou dos seus rostos, nas suas vidas longas.